Ano XII ... Nº 368 ... Uberaba/MG ... Julho/Agosto de 2011

Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Piadas de sogra
Simples brincadeiras de mau gosto ou agressão?

05

Trote
Ações de violência caracterizam bullying

07

Na sala de aula
Quando os abusos se tornam fator de risco para a convivência

08

Foto: Rona Abdalla

Bullying

Quando a brincadeira não tem graça

issuu-downloader.com

Além do arco-íris

Danilo Lima
6º período do Jornalismo

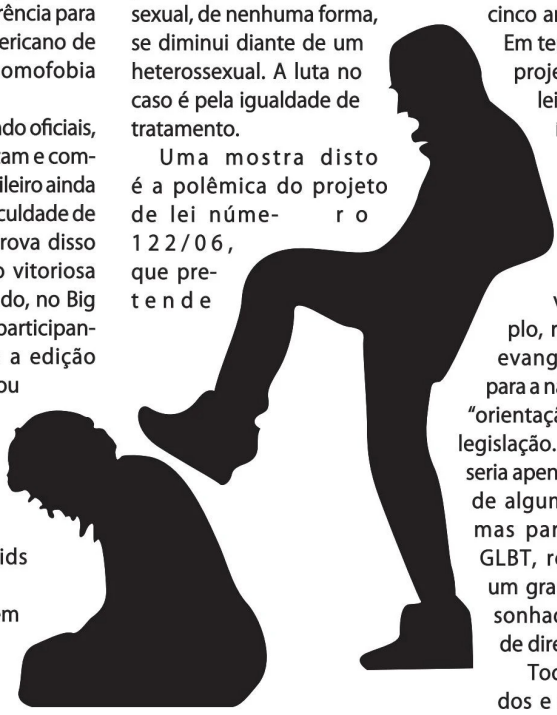
O Brasil foi palco de vários crimes envolvendo homofobia. Os motivos e seus executores, muitas vezes conhecidos, são sempre alicerçados pela não aceitação do homossexual como um cidadão comum, merecedor do respeito descrito na constituição do país. A aceitação de nossa sociedade ao público GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros), sem dúvida nenhuma, está crescendo, mas a passos lentos. Neste caminho, surgem números e situações que merecem nossa reflexão a partir de uma pergunta: a que condições estão expostos os homossexuais brasileiros em seu dia a dia?

Pois bem, segundo dados do Grupo Gay da Bahia, no ano de 2008, 190 homossexuais foram mortos no país. A conta é simples: um a cada dois dias. O Brasil é campeão mundial nestes crimes, seguidos pelo México, com 35 vítimas, e Estados Unidos, com 25. O aumento de crimes registrados é 55% maior em relação ao ano anterior: 64% gays, 32% travestis, 4% lésbicas. Pernambuco é o estado mais violento, com 27 assassinatos. Minas Gerais, no mesmo período, somou oito assassinatos. O Nordeste é a região mais perigosa. Segundo o relatório, um gay nordestino corre 84% mais risco de ser assassinado do que no Sul e Sudeste. Estes dados baseiam-se em notícias retiradas de jornais e internet, já que nenhum órgão oficial do país disponibiliza tais números. São informações que servem como referência para o órgão norte-americano de observação da homofobia em outros países.

Mesmo não sendo oficiais, os números assustam e comprovam que o brasileiro ainda convive com a dificuldade de aceitar os gays. Prova disso foi a participação vitoriosa de Marcelo Dourado, no Big Brother Brasil. O participante, durante toda a edição do programa, soltou pérolas, condizentes com as mais medievais teorias que envolvem o público gay: "Só pega Aids quem é gay!"

Um absurdo, em pleno século 21! O episódio fez com que o Ministério Público recomendasse à TV Globo que fizesse um esclarecimento ao público de como realmente contrai-se o vírus HIV. Não bastasse isso, a população aqui fora completou a torcida pelo "bombadão", dizendo que a luta de Marcelo Dourado não era contra homossexuais e sim a favor da afirmação da heterossexualidade. Uma visão sorrateira da condição humana, já que, para se aceitar, um homossexual, de nenhuma forma, se diminui diante de um heterossexual. A luta no caso é pela igualdade de tratamento.

Uma mostra disto é a polêmica do projeto de lei número 122/06, que pretende punir a homofobia, em pauta no Senado. Segundo a bancada evangélica, a aprovação do projeto atentaria contra a liberdade religiosa no país. Para os religiosos, a Bíblia Sagrada é claramente contra a prática homossexual. Com a nova lei, os pastores não poderiam utilizar-se deste preceito em suas oratórias. Ainda sobre o projeto, qualquer tipo de discriminação acarretaria a seu executor até cinco anos de prisão.



Em termos gerais, o projeto amplia as leis que já proíbem a discriminação de qualquer tipo e motivo. Hoje, a lei descreve, por exemplo, raça e cor. Os evangélicos lutam para a não inclusão de "orientação sexual" na legislação. Para muitos, seria apenas a mudança de algumas palavras, mas para o público GLBT, representaria um grande passo na sonhada igualdade de direitos.

> "setores importantes ainda lutam contra a integração dos gays na sociedade civil

Todos esses dados e situações representam alguns pontos na imensidão do problema. Por meio deles, já se pode fazer uma primeira constatação: setores importantes ainda lutam contra a integração total dos gays na sociedade civil e, intencionalmente, contribuem para o aumento na escalada de crimes, tendo como vítimas os homossexuais. Na cidade, o grupo Ser Mulher, sensibilizado com os casos de homofobia, lançou em diferentes mídias campanhas de conscientização em relação aos homossexuais. Um ponto de luz no arco-íris da civilidade e aceitação ao próximo, que a escuridão do preconceito e da irracionalidade insistem em querer esconder.

Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ••• **Reitor:** Marcelo Palmério ••• **Pró-reitora de Ensino Superior:** Inara Barbosa ••• **Coordenador do curso de Comunicação Social:** André Azevedo da Fonseca (MG 9912 JP) ••• **Professora orientadora:** Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ••• **Projeto gráfico:** Diogo Lapaiva (8º período/Jornalismo), Jr. Rodran (5º período/Publicidade e Propaganda), Bruno Nakamura ••• **Designer Gráfico:** Isabel Ventura ... **Estagiário:** Gleudo Fonseca (2º período/Jornalismo) ••• **Revisão:** Márcia Beatriz da Silva ••• **Impressão:** Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação:** Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ••• **Telefone:** (34) 3319 8953 ••• **E-mail:** revela@uniube.br

issuu-downloader.com

Bullying é sério e suas consequências são cruéis

Especialistas explicam que insegurança, apatia, timidez, dificuldade nas relações, fragilidade emocional e auto-estima baixa destroem as vítimas

Marcela Matarim
4º período de Jornalismo

A palavra Bullying ganhou evidência há pouco tempo, mas as agressões morais, físicas e psicológicas que a caracterizam existem desde sempre, seja como brincadeiras inofensivas, xingamentos ou até com espancamentos.

Essa violência tem consequências graves para as vítimas, que podem desenvolver vários sintomas.

A psicóloga Suemy Hamada, especialista em Psicologia da Educação, trabalha em seu consultório com psicoterapia e já atendeu pacientes vítimas de bullying. Ela explica que o bullying tem características básicas: o autor do bullying tem a intenção de ferir e humilhar o sujeito escolhido. A ação é agressiva e repetitiva, podendo ser emocional ou física, e tem expectadores.

> A vítima deve entrar na situação. Aí, a brincadeira do agressor perde a graça

Como aponta a psicóloga, geralmente, a vítima é alvo de bullying porque apresenta características que destoam do padrão considerado normal. "O padrão normal é quando a criança conversa e brinca. A distorção pode aparecer por causa de características físicas, que também fogem do padrão, ou até mesmo por aspectos culturais, étnicos e religiosos", diz.

Entre os resultados da prática da bullying, para a vítima, de acordo com a psicóloga, estão insegurança, apatia, timidez, dificuldade nas relações, fragilidade emocional e auto-estima baixa.

"Essa criança pode entrar em uma crise de angústia muito grande e desencadear até a síndrome do pânico, não querendo mais ir à escola, tendo medo de sair na rua e em todos os lugares de contato social, tendo taquicardia, sudorese, febre, diarréia, doenças psíquicas, psicossomáticas, dor no estômago, fazendo xixi na cama e chorando", pontua.

Suemy afirma que como a vítima do bullying tende a sofrer sozinha e se calar, acaba gerando um resultado não muito adequado, que pode levá-la a um ataque ou até mesmo ao suicídio. O ideal, então, é a vítima sempre reagir passando da situação de repressão para a de resgate da identidade, evitando maiores desvios de personalidade.

"É preciso arranjar um mecanismo para aquilo que está vindo tão intensamente. A vítima deve entrar na situação. Aí, a brincadeira do agressor perde a graça porque não há reação. Não é simplesmente ignorar. É preciso dar conta da situação porque às vezes a gente ignora e fica morrendo por dentro. Isso não adianta", destaca.

Segundo a psicóloga, a escola precisa de um olhar atencioso nas relações dos menores e a equipe pedagógica deve intervir, estabelecendo o diálogo. "A escola precisa trazer o conteúdo e contextualizar com a realidade social. Criar possibilidades de discussão, diálogo e construção de situações que possam ajudar na reflexão e na maturidade da criança, de acordo com a idade", enfatiza.

Foto: Marcela Matarim

A psicóloga Suemy Hamada diz que a vítima precisa de apoio

O bullying pode ocorrer em vários contextos, tanto escolares, como na universidade, no trabalho (caracterizado como assédio moral), ou na própria família.

Suemy explica que a vítima precisa enxergar que ela pode ser apoiada por alguém da própria confiança e dividir esse sofrimento, porque quando ela consegue contar para alguém, a possibilidade de sair dessa situação de repressão já é considerada positiva. O apoio e a confiança da família, segundo a especialista, também ajudam muito.

A Conselheira Tutelar, Mônica Nelly Desllane Silva, conta que já atendeu duas crianças que sofriam bullying. Segundo ela, no Conselho, a incidência de denúncias é baixa. "As pessoas ainda não se despertaram para procurar ajuda e muitas nem sabem que estão sofrendo bullying. Tem gente que acha normal ser zombado por outros e deixa quieto", afirma.

issuu-downloader.com

O poder da brincadeira

Marcela Matarim
4º período de Jornalismo

Bráulio Cesar Pereira, 26 anos, estuda Engenharia Elétrica e trabalha como Técnico em Eletrônica. Ele sofreu bullying entre os 10 e 12 anos, quando lançaram marcas de camisinha e de cueca com o seu nome.

Os colegas associavam seu nome ao órgão genital masculino. Os pais de Bráulio sabiam da situação e o apoiavam.

Várias vezes, ele respondeu às agressões verbais com agressões físicas, chegando a cortar um colega com estilete.

Por diversas vezes, Bráulio reclamou com os professores e até com a direção da escola, mas nada adiantou. Até que um dia a mãe dele resolveu intervir e foi ao Procon para ver o que poderia ser feito.

O Procon ligou na escola para resolver o problema. Foi expedito mandato judicial que autorizava Bráulio a mudar de nome, caso quisesse.

"Eu preferi não mudar porque minha mãe escolheu meu nome por causa de um autor de um livro que ela lia na gravidez. Naquela época, as marcas da camisinha e da cueca não existiam, então, eu resolvi deixar desse jeito", conta Bráulio, que recorreu a tratamento psicológico por alguns meses.

Bráulio explica que, ainda hoje, quando encontra com alguns dos antigos agressores, eles ainda falam, mas a situação agora é encarada com naturalidade por ele.

A violência pode acontecer dentro de casa

Comparações e agressividade na família causam traumas

Sarah Franciele
3º período de Jornalismo

Você já ouviu dentro de casa palavras como: você não presta, não vai virar nada na vida, zero à esquerda, você não é ninguém, o seu irmão é inteligente e você é burro? Quando acontece com a mesma pessoa, dentro da família, e repetidas vezes, pode tornar um ato de bullying.

Uma universitária do curso de Administração, de 24 anos, que não quer se identificar, rememora fatos que marcaram sua vida e que a levaram várias vezes aos tratamentos psicológicos. Ela conta que, ainda muito nova, vivia sendo comparada com a prima que, para sua mãe, parecia ser uma gracinha. Esta comparação lhe trouxe transtornos. Com o passar dos tempos, ela ficou revoltada com a mãe e se achava inferior: a mais feia da turma da escola, da família e de todos os amigos.

> "Os pais, de fato, comparam os filhos

Pode parecer uma atitude normal, durante a adolescência, a revolta, também conhecida como "aborrecência", porém, a estudante ressalta que, naquela época, as comparações a diminuíam demais e foram causando-lhe frustração, baixa auto-estima, mágoa e rancor.

Para a psicóloga e psicopedagoga, Maria Emília Silva Loyola, é importante que os pais saibam impor sua autoridade aos filhos, sem que o exercício da autoridade ou até mesmo a comparação se tornem uma prática de bullying. "Os pais, de fato, comparam os filhos, mesmo que seja no íntimo, porém isto não pode ser exposto ao ponto de exaltar um único filho, sempre, e diminuir o outro, mas sim saber enxergar os talentos de cada um, na sua individualidade," explica Emília.

A especialista frisa que pais estressados, que vivem brigando e descontam sua raiva nos filhos, aumentam a probabilidade de os filhos cometerem bullying na escola. "O pai que sabe separar a correria e os estresses do dia a dia e dialoga com os filhos saberá conduzi-lo melhor para resolver suas próprias questões, na escola, sem sofrer. A criança ou adolescente saberá se defender, sem ser agredido ou até mesmo agredir," conclui a psicóloga.

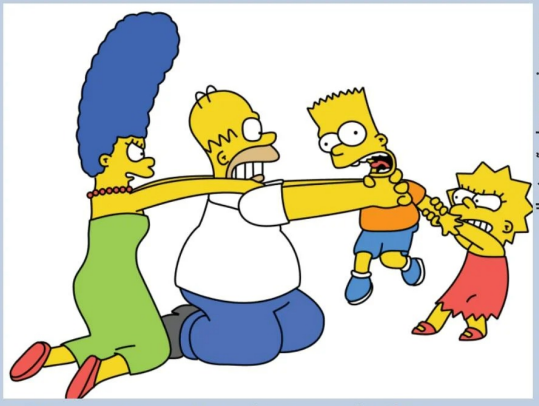


Ilustração: becauseican.co.za

Os Simpsons apresenta as desavenças familiares, vivenciadas especialmente entre o pai Homer e o filho Bart

Números das agressões no Brasil

- De 5.482 alunos, entre 5ª a 8ª séries, de 11 escolas do Rio de Janeiro, mais de 40,5% admitem ter praticado ou ter sido vítimas de bullying;
- O bullying já atinge 45% dos estudantes de ensino fundamental do país, seja como agressor, vítima, ou em ambas as posições;
- de 2.000 entrevistados, 49% estavam envolvidos com a prática, 22% eram vítimas, 15% agressores, e 12%, vítimas agressoras;
- Esses números batem com estatísticas internacionais e traçam um perfil: as vítimas são tímidas, de ambos os sexos, possuem alguma característica marcante, tanto comportamental como física (obesidade ou baixa estatura, por exemplo), possuem, em média, 11 anos e não reagem à gozação.
- Já os agressores têm entre 13 e 14 anos e gostam de mostrar poder, por isso, costumam serem líderes de seu grupo de amigos e, em muitos casos, foram mimados pelos pais e a maioria é constituída por meninos (60%).

Fonte: Ibope

issuu-downloader.com

Piadinhas sobre sogra: apenas um traço cultural?

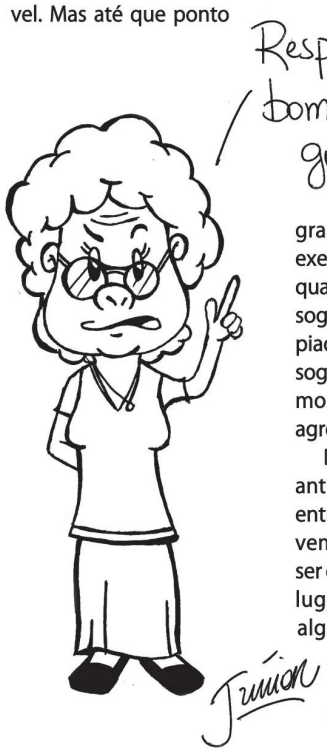
Até que ponto as brincadeiras ultrapassam limites e abalam relacionamentos

Mariana Alves
4º período de Jornalismo

As brincadeiras e piadas que as noras e os genros fazem com suas sogras, sempre estiveram presentes no dia a dia das famílias brasileiras. Afinal, quem nunca ouviu uma frase como essa: "Minha sogra é dez... Vezes pior do que eu pensava!". Em clima de brincadeira, tudo é aceitável. Mas até que ponto essas piadinhas tornam-se agressão? Muitas sogras não admitem sentir-se incomodadas; outras, no entanto, confessam certa inquietação.

Euvani Almeida conta que sempre brinca com sua sogra, que ela não se incomoda e até entra na dele, mas faz questão de lembrar que jamais faz brincadeiras que possam agredi-la.

A situação entre nora e sogra é diferente. As brincadeiras são realizadas com mais cautela e, muitas vezes, as noras não as fazem diretamente à sogra. Lívian Flávia é um exemplo de nora reservada, quando o assunto é piadas de sogra. Ela conta que até faz as piadas, mas apenas quando a sogra não está presente, mesmo não sendo brincadeiras agressivas.



De acordo com estudos antropológicos, esta tensão entre genros, noras e sogras, vem de longa data e pode ser encontrada em diferentes lugares do mundo. "Não é algo restrito ao imaginário ocidental e tão pouco exclusivo da nossa cultura contemporânea", ressalta a antropóloga e professora da Universidade de Uberaba – Uniube, Fernanda Telles. "Na mitologia grega, este padrão conflitivo já era percebido em mais de uma passagem, sendo a principal delas a saga de intrigas e fofocas vividas pelo casal Eros e Psiquê, cujo início foi exatamente o ciúme excessivo da mãe de Eros, a deusa do amor Afrodite, que acreditava que seu filho merecia coisa melhor do que uma simples mortal", conta.

No caso do Brasil, a antropóloga diz que teríamos recebido influências dos padrões societários das tribos africanas de origem Banto, trazidas para o Brasil na época da escravidão. Essas tribos limitavam contatos e hierarquizavam rigorosamente os status de sogra e genro, mantendo-o em condição de submissão em relação à sogra. A psicologia pondera que a imagem de sogra é algo já estereotipado. As pessoas associam as sogras à pessoa que sempre quer dar palpite na vida do casal. Quando é o filho quem casa, a situação complica-se ainda mais, uma vez que a sogra passa para a nora toda a responsabilidade de mãe. A sogra pode acreditar que está perdendo o filho para uma mulher que não conseguirá cuidar tão bem dele quanto ela. A nora, por sua vez, tende a sentir-se pressionada pela sogra por uma responsabilidade que, na verdade, não é dela. "É importante pensar que cada uma delas, sogra e nora, são originadas de famílias diferentes, possui diferentes hábitos, valores e crenças, muitas vezes, incompatíveis", diz a psicóloga Janete Gracioli.

Foto: Mariana Alves

Depois dos conflitos, dona Vera e a nora Nilza se dão bem

A psicóloga ressalta que estes conflitos podem ser administrados de forma saudável, uma vez que ambas necessitam amadurecer emocionalmente e compreender que não precisam competir, já que cada uma delas ocupa papéis diferentes na relação.

Sebastiana Alves, de 68 anos, tem três genros e três noras, e conta que a relação com todos é muito boa. As brincadeiras de sogra estão presentes nas festas de família e ela diz nunca se incomodar. "Eu não me importo; até brinco com eles", conta.

Já Vera Cruz, aos 69 anos, não pode dizer o mesmo. Depois da separação do filho, ela adotou a ex-nora e começou uma guerra com a atual mulher do moço. A guerra só terminou com o nascimento da neta. Final feliz. Hoje, Vera diz se dar bem com as duas noras, aliás, as duas frequentam as festas de família.

issuu-downloader.com

Cyberbullying: a ameaça virtual

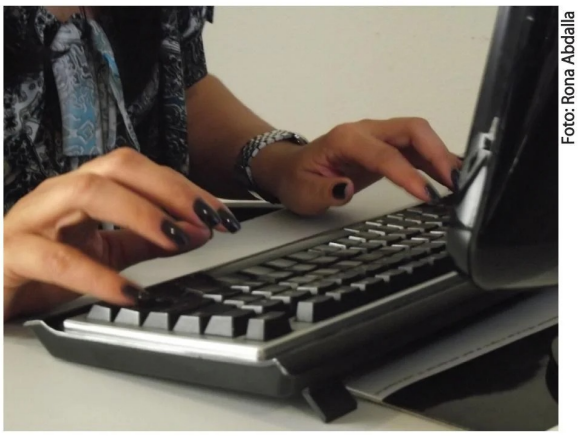


Foto: Rona Abdalla

A ridicularização na rede surge até em publicações falsas

Rona Abdalla
4º período Jornalismo

A intimidação virtual realizada por meio de ações hostis, repetidas intencionalmente, tem nome e vem causando grandes transtornos na vida de crianças e adolescentes ativos na Internet. O Cyberbullying, conhecido também como Bullying Virtual, é a prática que envolve o uso da tecnologia para denegrir, ameaçar, humilhar ou executar qualquer ato mal intencionado dirigido à outra pessoa.

Os Cyberbullies, como são conhecidas as pessoas que praticam o ato, usam a tecnologia como aliada. E-mails, redes sociais, mensagens instantâneas, fóruns e blogs são usados para assediar as vítimas com ameaças, comentários sexuais, rótulos pejorativos e discursos de ódio. Há ainda a ridicularização em fóruns, blogs ou publicações de declarações falsas, com o objetivo de humilhar diante da sociedade virtual.

O pesadelo parece não ter fim

Não precisa ir muito longe para encontrar vítimas que tenham passado por momentos de terror na Internet. Aos 26 anos, o assistente de padeiro, que não quer ser identificado por medo de novas ameaças, tem um passado doloroso.Vamos chamá-lo de Ricardo. Tímido e aparentemente incomodado, ele relembra o fato que lhe causou problemas há sete anos, quando ainda estudava, e teve sua vida exposta de forma constrangedora. Um perfil falso, que Ricardo acredita ter sido criado por um colega de sala, com nome, alguns dados pessoais e fotos de família, circulou entre os outros colegas e professores. Nesse falso perfil, o suposto Ricardo distribuía xingamentos, ameaças e injúrias a pessoas próximas. Muitos acreditaram que o tal perfil era mesmo de Ricardo, que só descobriu o fato quando um amigo, que havia recebido as ameaças, foi tirar satisfações e então contou o que estava acontecendo.

Por ser muito tímido, Ricardo sofreu calado por um tempo e só tomou atitude quando começou a receber sérias ameaças por mensagens instantâneas no celular. Ele, então, procurou a polícia e lavrou um boletim de ocorrência.

Embora não tenha sofrido nada fisicamente, Ricardo teve que procurar ajuda psicológica, já que, por receio, passou um tempo preso em casa com medo de represálias das pessoas que receberam ameaças do tal perfil. Outro medo foi que as mensagens recebidas pelo celular se tornassem reais. "Foi uma fase muito difícil. Às vezes, estou na rua e acho que estou sendo seguido, mas não posso mais parar a minha vida por causa disso. Ainda tenho medo de que algo me aconteça", desabafa Ricardo. Ele acredita que tudo tenha acontecido pelo fato de sempre ter sido muito introspectivo. Conta que na escola era quieto e de poucos amigos. Depois do ocorrido, Ricardo, que estava no terceiro ano do ensino médio, concluiu os estudos e nunca mais teve contato com os antigos colegas de sala.

Segundo a psicóloga Jenifer Medeiros Gomes, cada pessoa reage de um jeito e as consequências podem ser sérias. "Dor de cabeça, baixo rendimento escolar são consequências. Algumas pessoas se tornam agressivas, apáticas, não querem mais frequentar a escola ou acessar a Internet e até se isolam em casa. Em casos mais graves, o indivíduo pode ter depressão, síndrome do pânico, transtorno de ansiedade, mas cada um reage de um jeito. Não dá para generalizar", explica a psicóloga.

Para Jenifer, os pais são grandes aliados dos filhos para evitar que eles sejam vítimas ou causadores de tanta dor. "Os pais devem monitorar o que os filhos fazem dentro ou fora de casa, isso inclui o acesso à Internet. Devem saber o que eles acessam e o que fazem nesses sites", diz Jenifer.

Os valores morais e de família também são essenciais para a educação virtual. "Um outro ponto importante seria o enaltecimento aos valores humanos, pois só através disso, as crianças aprenderão que têm que respeitar o próximo, seja na rua, na escola, na igreja, em casa e também na Internet", enfatiza.

A visão dos pesquisadores da rede

O advogado Joamar Nazareth é especialista no assunto. Atualmente, ele pesquisa sobre crimes pela Internet e explica que não existe uma lei específica para quem comete o cyberbullying. Mediante uma comprovação das ameaças e injúrias, o receptor pode pedir, judicialmente, a quebra de sigilo para que seja revelado o autor do crime. "Só o juiz pode autorizar. Só ele pode determinar que o provedor entregue o número do IP (número de identificação da conexão da Internet – número único) da máquina, já que toda conexão gera um número", explica Joamar.

> "Estou na rua e acho que estou sendo seguido, mas não posso mais parar a minha vida

Abalar a honra, a boa-fé subjetiva ou a dignidade das pessoas pode terminar em processo. "Quem comete esse tipo de coisa, pode ser processado por danos morais", adverte o advogado.

Para quem pratica o cyberbullying, a falsa sensação de anonimato faz com que o uso da Internet seja de forma inconsequente. Alguns projetos estão sendo analisados por políticos para que a ação tenha consequências severas.

issuu-downloader.com

Trote pode ser considerado bullying

Vinícius Silva
4º período de Jornalismo

O ingresso de um jovem na universidade poderia ser uma conquista comemorada e uma ótima oportunidade de relacionamento entre veteranos e calouros, se essa receptividade fluísse de forma harmoniosa. Ultimamente, tem se observado o bullying como prática empregada em trotes estudantis. Os veteranos praticam atos de crueldade contra os novos estudantes, de forma a influenciar fortemente o emocional destas vítimas, provocando problemas relacionados à autoimagem.

O trote estudantil associado ao bullying caracteriza-se por ações de violência e outras formas agressivas e humilhantes adotadas pelos estudantes veteranos em relação aos "bichos", algo como um rito de passagem, no qual são estabelecidas tarefas e provas, como forçar o calouro a comer alimentos previamente mastigados por um veterano, correr nu em público e ingerir bebidas alcoólicas em excesso.

Com as mãos apertadas e procurando sempre desviar o olhar, a estudante de Medicina Veterinária, de 21 anos, que prefere ter sua identidade em sigilo, ainda se recorda do tempo que era considerada um "bicho eterno". "Quando você se nega a se submeter à vontade dos veteranos é ainda pior. Nesse caso, você jamais será considerado um veterano e, mesmo já não sendo mais novato, será tratado como calouro", explica.

Existem ainda outros casos de represália por parte dos calouros, que algumas vezes reagem violentamente ou ameaçam os veteranos que tentam subjugá-los. "No primeiro dia de aula, é possível encontrar calouros vestidos com roupas que contêm símbolos, como de artes marciais, forças armadas, policiais, que poderiam impor respeito ou medo aos veteranos, de forma a convencer que aplicar o trote neles não seria uma boa ideia, mas nem sempre funciona", conta a vítima.

O trote estudantil não é permitido dentro da universidade

Fotos: Arquivo pessoal

Um projeto de lei prevê multas de até R$ 20 mil para os agressores em trotes violentos

De acordo o coordenador do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Uberaba, Eustáquio Resende Bittar, o trote universitário é uma prática que fulmina a dignidade da pessoa, devendo ser veementemente extinto. "O trote estudantil não é permitido dentro das dependências da universidade, porém muitos jovens acompanham os veteranos e aderem ao trote. Obviamente, dessa forma, não há como ter um controle em atividades realizadas externamente", relata.

Soluções

Em combate aos casos de agressividade e maus tratos que foram surgindo ao longo dos anos, criou-se um projeto de lei que pune o trote violento e prevê multas de até R$ 20 mil, cancelamento da matrícula por um ano, e obriga as universidades a instaurarem um processo contra os alunos infratores. Outra solução criada é o "trote solidário" (no qual os calouros devem doar sangue, arrecadar alimentos ou realizar algum trabalho comunitário), que é também uma forma de promover a integração entre veteranos e calouros durante os primeiros dias de aula.

> "Quando você se nega a se submeter ã vontade dos veteranos é ainda pior

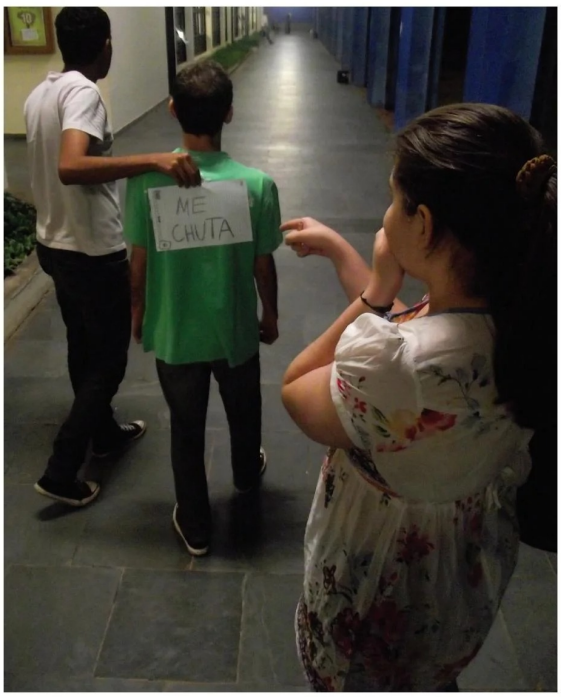
Segundo o presidente do Diretório Acadêmico de Medicina Veterinária da Universidade de Uberaba, Nathan da Rocha Neves Cruz, não há implantação de ações específicas contra o trote estudantil no curso, pois não há mobilização e interesse de participação dos jovens nesse tipo de projeto. "Há muitos alunos que querem participar do trote estudantil por vontade própria; muitos, sem saber o que realmente os aguardam, os outros, por receio, não comparecem nos primeiros dias de aula", finaliza.

issuu-downloader.com

Agressões nas escolas de Ube são motivo de preocupação

Mikael Minare
4º período de Jornalismo

Quem nunca foi zoado ou zoou alguém na escola? Risadinhas, empurrões, fofocas, apelidos como "bola", "rolha de poço", "quatro-olhos". Todo mundo já testemunhou uma dessas "brincadeirinhas" ou foi vítima delas. Esse comportamento, considerado normal por muitos pais, alunos e até professores, está longe de ser inocente. O bullying é um termo em inglês utilizado para designar a prática de atos agressivos entre estudantes. Traduzido ao pé da letra, seria algo como intimidação. Trocando em miúdos: quem sofre com o bullying é aquele aluno perseguido, humilhado, intimidado. Em junho deste ano, um fato ocorrido na Escola Estadual Professor Chaves demonstrou a extensão do bullying. Dois jovens foram feridos a golpe de canivete e o responsável pelas agressões alegou ser vítima de bullying e que apenas se defendeu.

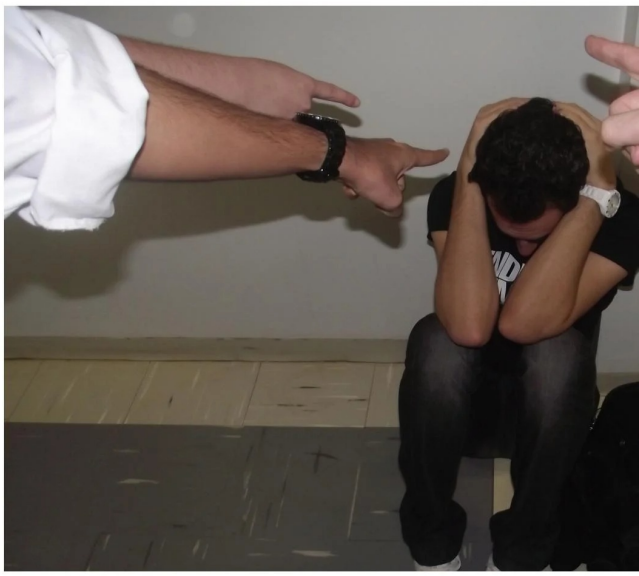


Hoje, há cursos para ensinar professores a lidar com o problema

O fato aconteceu na porta da escola, situada na avenida Apolônio Sales, bairro São Benedito, quando, de acordo com relato dos colaboradores, o estudante Marco Túlio Ferreira da Cruz, de 19 anos, discutia com o também aluno da escola, Mário Fernando Costa Borges, 19 anos. Durante a briga, Marco Túlio sacou um canivete e acertou vários golpes em Mário Fernando, ferindo também outro estudante de 16 anos.

De acordo com a professora de português, Sônia Prata, de 45 anos, a prática do bullying acontece todos os dias nas escolas e por motivos variados. "Gordo ou magro, alto ou pequeno, feio ou bonito, tudo isso é motivo de chacota e a maioria desses atos são praticados por adolescentes com idade de 14 a 21 anos, principalmente por questão de homossexualidade", argumenta Sônia.

Alguns entrevistados pelo Revelação não quiseram se identificar. Um estudante de 17 anos conta que sofre bastante com isso pelo fato de ser uma pessoa tímida. Na maioria das vezes, quando as gozações acontecem ele confessa ficar bastante chateado, perde a vontade de comer e até mesmo falta à escola para não sofrer novamente com as chacotas. Para o também estudante Lucas Rodrigo, de 16 anos, o bullying vem aumentando porque alguns estudantes aceitam calados todas as piadinhas. "As vítimas ficam intimidadas e não fazem nada. Levam tudo pra casa e sofrem sozinhas", lamenta o estudante.


Segundo os professores, os abusos acontecem todos os dias nas salas

Em alguns casos, as vítimas abandonam a escola tentando amenizar o problema. Especialistas em Direito apontam que o melhor, realmente, é a negociação, mas alertam que o caso pode parar na justiça se o dano causado for permanente para a criança. Não há nada específico na legislação em relação ao termo bullying, mas, segundo a advogada Kallyene de Faria, a partir do momento em que as pessoas sofrem algum abalo psicológico ou constrangimento que lhes afeta a vida pública, os causadores podem ser condenados na área cível. "No caso da escola, ela vai ser corresponsável por essa situação que a criança está passando", ressalta Kallyene. Mesmo tendo as questões de injúria e calúnia

issuu-downloader.com

raba

Fotos: Rona Abdalla

de aula, por motivos variados

na área penal, com pedido de indenização por danos morais, a advogada ressalta que é importante, antes, tentar uma conciliação.

Na justiça, é preciso provar que o abalo provocado não é apenas passageiro.

O tema bullying, atualmente, gera palestras para profissionais da área de educação. No mercado há, inclusive, curso para ensinar professores e pais a lidar com o problema e conscientizar estudantes a não cometerem tais atos de violência física e psicológica nas escolas.

Professores também insultam em sala de aula

A opção são os processos pedagógicos para solucionar os problemas

Ubirajara Galvão
4º período de Jornalismo

Agressões verbais e físicas são comuns de um aluno para outro e, em alguns casos, de aluno para professor. Embora existam poucos registros formais, professores também podem cometer insultos verbais com seus alunos e, em casos raros, partir para as agressões físicas.

Professora de matemática da rede pública, já aposentada, que prefere ter seu nome preservado, conta que ao voltar de sua licença maternidade foi encarregada de entregar os resultados finais para uma turma da 8ª série.

Por ter ficado afastada, não conhecia a turma. Ao chamar a atenção de algumas alunas, gerou uma discussão.

Em meio a protestos, a professora acabou ofendendo uma das alunas com xingamentos. Em resposta, a aluna ameaçou a mestra. Apesar do mal estar, não houve outras consequências.

Outro caso foi de um professor, também da rede pública, que agrediu verbalmente um de seus alunos reprovados na sua disciplina.

O garoto ficou esperando o professor na saída da escola para agredi-lo. O funcionário público teve de ser escoltado pela polícia civil para evitar o confronto. A escola pediu a retirada do professor do quadro de funcionários.

Nas redes públicas o professor é efetivado pelo estado ou município. É realizado um levantamento dos fatos, por meio do colegiado.

A escola registra toda a situação, instaura um processo e encaminha à Secretaria de Educação para que seja tomada uma decisão no âmbito de estado.

Segundo dados da pesquisa da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), a média nacional de violência contra alunos, professores e funcionários, no ensino fundamental, é de 16,3%, sem gravidade, e 3,9%, com gravidade. Já no ensino médio, são 15,1%, sem gravidade, e 2,4%, com gravidade.

Devido a essas incidências, as escolas incluíram em seus regimentos disciplinares processos de pedagogia que auxiliam nos problemas entre professores e alunos.

No caso de funcionários, os processos se distinguem nas redes públicas e particulares.

Foto: Ubrajara galvão

No ensino fundamental, a violência chega a 16,3%

Na rede particular, os professores possuem relação diferente com a escola em função dos contratos de trabalho. Em caso de falhas cometidas pelo professor, o processo é feito em etapas, que vão desde uma conversa entre o professor e o aluno até a demissão do funcionário.

O aluno que se sentiu desrespeitado, geralmente procura a orientação pedagógica ou o serviço de orientação vocacional.

Num primeiro momento, o coordenador escuta professor e aluno. Se a situação não se resolver, o orientador volta a escutar os dois. Por fim, os pais são chamados. Segundo a diretora do Colégio São Domingos, em Araxá, Ana Cristina Cunha Borges, a presença da família é muito importante nesse tipo de situação. "Chama-se os pais, pois os alunos ainda não têm autonomia suficiente para decidir sobre suas atitudes, sozinhos", afirma.

Se mesmo depois de todos esses procedimentos a situação não se resolver, faz-se uma advertência e pode-se chegar até a convidar o funcionário a deixar de fazer parte do quadro da escola.

issuu-downloader.com

Opinião

Eu estudava no Corina. Lá, todo mundo gostava de abusar da minha cara porque eu era muito caladinha e tímida, então, resolveram fazer bullying comigo. Eu era meio gordinha, acho que era isso.

Vanessa Alves de Almeida cursa Enfermagem

Eu sofri bullying, só que como eu tive um diálogo aberto com meus pais, isso nunca me afetou em nada. Como sempre fui um aluno destaque na sala, eu sofria com isso. Os nerds costumam ser isolados dos demais, mas depois a gente vai conquistando a amizade das pessoas. Creio que para superar temos que aceitar as coisas.

Luís Eduardo Meneghini dos Santos, universitário da Medicina Veterinária

Eles me chamavam de beiçuda, neguinha, tudo isso. Quando eu era pequena, ficava ofendida. Com o tempo, superei. Meu pai me ajudava dando conselhos. Com isso, fui crescendo e os meninos também foram parando porque tudo muda com a idade.

Khelyane Cristina de Abreu é estudante de Enfermagem

Fotos: Paulo Brandão

Na minha época, não se chamava bullying. Isso existe desde que o mundo é mundo, só que era perdoável. Tudo que é diferente motiva a 'zoação'. O jovem não sabe lidar com isso, mas hoje deixou de ser simplesmente referência de um apelido jocoso, que a criança brinca, e partiu para agressão. O bullying causa sérios danos psicológicos. Tem criança que não volta para escola, se sente isolada. Quando eu era pequena, me chamavam de 'urso do cabelo duro', por causa do meu cabelo crespo, mas eu lidava bem com isso e também colocava apelido num que era gordinho, no outro que era feio. Acredito que é preciso educação em casa e na escola.

Thereza Carolina Gonçalves Vieira, professora

Uma virose chamada bullying

Jéssica de Paula
2º período de Jornalismo

Não importam quais são os sintomas. A maioria das doenças começa aparentemente do nada e vai embora também aparentemente do nada. O diagnóstico é de virose. O que é óbvio, caso tenha sido causada por um vírus.

Assim tem sido com o bullying. O termo relativamente recente tornou-se a "virose" comportamental dos últimos tempos. Qualquer desvio de conduta ou caráter busca atenuantes na comovente confissão: sofri bullying.

Calma lá, amigos, não é bem assim. Não é porque alguém te xingou que você é vítima de bullying. O bullying caracteriza-se por uma agressão, seja física, moral, social, emocional constante, sistemática, em que a vítima não consegue se defender.

Particularmente, acredito que o bullying é uma relação onde um agride e o outro aceita ser agredido. Não que seja agradável ser humilhado, excluído, desprezado, usado como saco de pancadas, mas porque a vítima não se sente capaz de reagir, de impedir a agressão.

A verdade é que bullying está na moda. Virou desculpa para tudo, com apoio da mídia e de pais relapsos. O que é pior: não é apenas desculpa de crianças e adolescentes, mas também de adultos, quase sempre buscando se eximir da culpa.

Ah, antes que me esqueça: é importante oferecermos a cada coisa seu devido nome. No ambiente corporativo, a perseguição, agressão, humilhação contínua e sistemática, se chama assédio moral e rende, além de distúrbios psicológicos para a vítima, processos trabalhistas para quem pratica.

Como para qualquer ato violento, impensado, agora se recorre à desculpa do bullying, este corre o sério risco de se banalizar, de não ser levado a sério quando realmente ocorrer.

Bullying é sério, é perigoso, não transforma pobres crianças em delinquentes, mas pode fortalecer tendências violentas que estão reprimidas. Uma pessoa violenta, mais dia menos dia, pode cometer um ato violento, tenha sido vítima de bullying ou não. E tanto faz se essas tendências violentas são direcionadas para terceiros ou para si mesmo: o resultado é sempre doloroso.

Se o bullying é a nossa mais moderna "virose" social, conversar ainda é o melhor remédio. Se você se sente vítima de bullying, ou sente que algo não está legal com seus filhos, converse, exponha o problema. Conviver com outras pessoas é fundamental para o nosso crescimento, mas isso não tem que ser doloroso.

issuu-downloader.com

Câmara Municipal cria Dia de Prevenção e Combate ao Bullying Escolar

Marcelo Lemos
4º periodo Jornalismo

Zoar, ofender, excluir, perseguir e discriminar são verbos comuns nas brincadeiras de escola. Mas essas ações escondem uma violência silenciosa. É o bullying – atitudes agressivas, sem motivação evidente, que a Câmara de Uberaba pretende prevenir com o projeto de lei 224/2010, de autoria do vereador Lourival dos Santos (PCdoB), que institui no Calendário Oficial do Município o Dia de Prevenção e Combate ao Bullying Escolar.

A lei foi aprovada em fevereiro deste ano, por 11 vereadores presentes no plenário, e sancionada pelo prefeito Anderson Adauto (PMDB), no dia 11 de março.

O objetivo é criar, no dia 1º de março, campanhas educativas, debates e palestras de combate ao bullying, mas, segundo o autor do projeto, é preciso que o prefeito e as Secretarias Municipal e Estadual de Educação se conscientizem da importância de promover atividades nesse dia.

De acordo com parlamentar, o bullying é um mal que afeta o desenvolvimento físico e emocional da criança ou adolescente. "São brincadeiras que, às vezes, podem prejudicar uma pessoa a vida inteira", ressalta Lourival dos Santos.

Segundo o vereador, essas brincadeiras escondem uma violência que está se tornando cada vez mais grave. "As crianças não têm noção da maldade que fazem. Às vezes, é um ato inconsciente apenas porque um mexe com o outro e logo vira uma rotina", afirma.

Foto: Arquivo CMU

O vereador Lourival dos Santos é o autor do projeto

Para Lourival, os pais devem conscientizar os filhos a não mexerem ou apelidarem as pessoas. "Até um apelido é uma forma de bullying, pois está denegrindo a imagem da pessoa. Há apelidos que são pejorativos", sentencia o autor do projeto.

O vereador José Severino Rosa (PT) também defende a ideia de que a educação precisa começar em casa, antes mesmo de a criança ir para escola. "Os pais são os primeiros educadores. Eu acho que não podemos terceirizar a educação. A escola tem grande responsabilidade, mas essa educação começa em casa e o professor dá continuidade", argumenta o parlamentar.

Em nota divulgada ao Revelação, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, por meio do Departamento Cultural, informou que não há nenhuma atividade específica prevista para o Dia de Prevenção e Combate ao Bullying Escolar e acrescentou que está sendo desenvolvido o Projeto Entrelaços - Escola e Família, que oferece às unidades escolares, a realização de um encontro socioeducativo semestral. A abordagem principal, atualmente, é o bullying escolar. No primeiro semestre deste ano, foram realizadas 29 palestras nas escolas urbanas, rurais e CEMEIS da rede municipal de ensino, com a presença de 732 pais. No segundo semestre, serão atendidas mais 27 instituições, contemplando as 56 unidades escolares da rede municipal.

issuu-downloader.com

CVV precisa de voluntários para continuar a salvar vidas

Jessica de Paula
2º período de Jornalismo

Angústia. Os olhos fitam o teto e as paredes em busca de algo que possa aliviar aquela dor, que apague as lembranças, as dúvidas, os medos. Ninguém está em casa e os amigos off-line no MSN. Não há voz, nem olhar, nem mensagem. Tão mais simples acabar com tudo de uma só vez e não mais sentir dor, medo, vazio, dúvida, desespero...

Entre o quarto e a área de serviço, o corredor, a sala, a lembrança dos olhares. E seus pais, como ficariam? Seus amigos, amores, como deixar todos assim? A dor é grande, a dúvida é imensa. Na sala da casa, há um telefone. Dedos nas teclas e, finalmente, surge uma voz: CVV, boa noite!

Há 49 anos no Brasil, situações semelhantes a essa acontecem em 53 cidades brasileiras. Uberaba integra a rede de solidariedade, desde 1982, quando o psicólogo Vicente Higino ouviu na rádio sobre o trabalho do Centro de Valorização da Vida (CVV), de Ribeirão Preto. Viajou até lá e informou-se sobre os procedimentos para a implantação do centro, desde a captação, seleção até o treinamento de voluntários. Vicente apresentou a proposta ao médico psiquiatra Antônio Joaquim dos Santos Prata e, em junho de 1983, nascia o CVV Uberaba.

O CVV é uma instituição filantrópica de apoio e valorização da vida. Inicialmente, era chamado de Centro de Prevenção ao Suicídio, mas, de acordo com a coordenadora da comissão de divulgação do CVV Uberaba, Valderli Menezes, ao longo do trabalho, decidiu-se apresentar a entidade como um Centro de Valorização da Vida, pois acredita-se que valorizando a vida previne-se o suicídio.

Fotos: Grasiano Sousa

A sede do CVV Progama de Valorização da Vida está localizada no Bairro Cássio Rezende

A rotina de trabalho

O trabalho é desenvolvido por meio de atendimento telefônico, no qual o voluntário se coloca à disposição da pessoa que está sofrendo, para ouvi-la, sem julgamentos. Uberaba já contou com 45 voluntários e teve esse grupo reduzido a apenas 16, o que inviabilizou o atendimento 24 horas preconizado pelo CVV em todo o país. Atualmente, o atendimento ocorre das 15h às 23h30, durante toda a semana, inclusive feriados.

Os voluntários optam por falar só o primeiro nome, que é como são conhecidos no CVV. Morleno, voluntário há 20 anos, conta que buscou o curso de voluntariado após perder a visão, como uma forma de se sentir reintegrado à sociedade. "A minha intenção era trabalhar para mim. Nunca gostei de ficar só". Na ocasião, ele foi o único candidato ao curso, o que não o impediu de receber todo o treinamento e atenção por parte dos já voluntários. "Foi enriquecedor. Os cinco voluntários se disponibilizando a passar o curso apenas para mim e me valorizaram. Eu passei a me sentir mais gente".

> "Uberaba já contou com 45 voluntários e teve esse grupo reduzido a apenas 16

Tanto ele quanto a diretora Valderli concordam que em Uberaba há muita disposição da população ao voluntariado, mas conseguir pessoas dispostas a ouvir é extremamente difícil. "O trabalho do voluntário do CVV é muito solitário e muito difícil porque as pessoas primeiro precisam aprender a trabalhar consigo, se conhecer e se aceitar, para poder ouvir o outro, sem barreiras, sem julgamentos, sem frases prontas".

Morleno diz também que o número de pessoas atendidas não é o mais importante. Desejar que aconteçam li-

issuu-downloader.com

Atualmente, 16 voluntários prestam atendimento no CVV

gações significa desejar que haja pessoas em situações de desespero e o voluntário não deve ter esse desejo, mas sim a disposição de estar ali quando alguém precisar.

Valderli classifica o suicídio como um ato extremo de comunicação, a última forma que a pessoa encontra de fazer com que os outros saibam de seu sofrimento.

A falta de voluntários compromete esse trabalho, visto que a maior parte do dia a unidade não tem atendimento. Até mesmo o atendimento online do CVV acontece em horários pré-estabelecidos, limitados às 22h45.

Os dois voluntários ouvidos nesta reportagem disseram que, nos tempos atuais, as pessoas estão profundamente isoladas, envolvidas com as próprias dificuldades e este seria um dos fatores que dificultam o surgimento de novos colaboradores. "As pessoas não querem ouvir, não querem disponibilizar seu tempo para ouvir o outro, como medo de se confrontar com os próprios problemas", explica Valderli.

Seja voluntário

As seleções de voluntários ocorrem a cada dois meses. Qualquer pessoa maior de 18 anos, com disponibilidade de tempo, predisposição a ouvir e calor humano a oferecer, pode participar do curso. Após conhecer a filosofia de trabalho do CVV, o candidato a voluntário passa, então, por um treinamento de oito semanas para se capacitar para o trabalho.

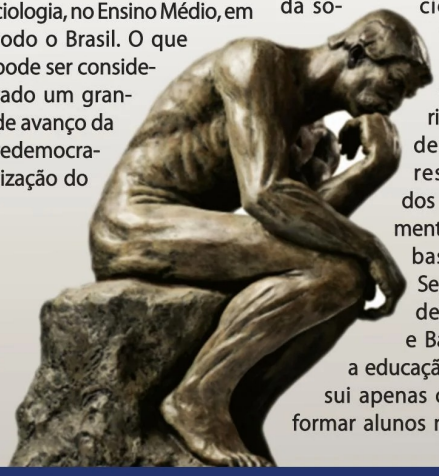
O CVV, em Uberaba, tem sede à Rua Fausto Salomão Trezzi, 40, e atende por meio dos telefones 141 e (34) 3317-4111. O site para mais informações e atendimento via chat é www.cvv.org.br.

O voluntário que é nosso personagem é categórico ao dizer que hoje é uma pessoa melhor e se sente mais feliz por poder ajudar, via CVV. "Uma vez, alguém disse: o dia em que você conseguir, no meio de um milhão ou dois milhões de pessoas que tentaram o suicídio, falar com esta pessoa e conseguir salvá-la, você salvou o mundo", finaliza ele.

Retorno das disciplinas de Filosofia e Sociologia não é só festa

Bruno Costa
7º período de Jornalismo

A lei número 11.6684 tornou constitucional, desde junho de 2009, o ensino das disciplinas de Filosofia e Sociologia, no Ensino Médio, em todo o Brasil. O que pode ser considerado um grande avanço da redemocratização do país, já que no período da Ditadura Militar as disciplinas foram substituídas pela extinta Educação Moral e Cívica. No entanto, o governo enfrentará dois grandes desafios: o despreparo cultural da sociedade em receber o conteúdo das matérias e a falta de educadores habilitados especificamente para ambas as áreas. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), a educação não possui apenas o papel de formar alunos nos conhecimentos sistematizados e construídos historicamente, mas também se configura como um exercício da prática social. O fato de que, por quase 40 anos, parte significativa dos brasileiros não recebeu instruções das disciplinas afeta diretamente a implementação destas. Afinal, existe aí uma espécie de lacuna pedagógica cavada historicamente em gerações de estudantes, que hoje, compõem a sociedade, muitas vezes, sem conhecerem a importância do ensino e aprendizagem da Filosofia e da Sociologia.



A citação do pedagogo Paulo Freire de que a educação sozinha não muda a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda, reitera a ideia de que a aquisição do conhecimento não é apenas exercida na escola. Mas a pedagogia bem compreendida acompanha o aluno aonde ele vai, sobretudo, no contato com a família e no sistema social que o acolhe.

Com a extinção curricular das disciplinas, a formação filosófica e a sociológica sofreram uma grande defasagem. Afinal, a maior parte dos profissionais graduados na área caminha para a academia.

> "a educação sozinha não muda a sociedade

Segundo o Ministério da Educação (MEC), este problema não é isolado, pois também afeta outras disciplinas como Biologia, Matemática e Artes.

Filosofia e Sociologia possuem, em comum, a atribuição de importantes ferramentas na formação de indivíduos críticos, éticos e conscientes de valores existenciais e sociais. Aspectos tão carentes na formação dos cidadãos brasileiros.

Nesse sentido, cabe ao governo projetar medidas que ultrapassem a classe dos educadores e educandos, inserindo os conceitos das disciplinas referidas em todas as camadas da sociedade para acelerar o potencial intelectual e cultural que promovem.

issuu-downloader.com

Participe do Uniube Fest

Universitários e cadastrados no Pias podem se inscrever de graça no site até 15 de agosto

A Universidade de Uberaba realiza o Uniube Fest, festival de música aberto à participação de bandas e/ou cantores, compositores e músicos, em duas categorias: universitários da Uniube e alunos do ensino médio cadastrados no Programa de Ingresso por Avaliação Seriada (Pias), ou apenas apresentados por eles. O evento tem o apoio da Coca-Cola.

O objetivo da Uniube é valorizar seus alunos, que terão a chance de participar, seja como artistas ou padrinhos.

Serão distribuídos R$ 13,5 mil em prêmios, sendo R$ 3 mil para o primeiro, R$ 2 mil para o segundo e R$ 1 mil para o terceiro de cada categoria, e, ainda, R$ 1,5 mil para Melhor Intérprete, Melhor Letra e Melhor Arranjo, sendo R$ 500 para cada um.

Devido ao formato do projeto, que terá votação pela internet, o festival está aberto ao mundo, com os principais objetivos de contemplar, prestigiar, valorizar os talentos e as iniciativas que, muitas vezes, estão "escondidas" por aí. A internet permite a diversidade, a pluralidade e a liberdade de fazer com que as próprias pessoas decidam, opinem e interajam nessa escolha.

Foto: Rose Dutra

Diretor de Marketing da Uniube, Ricardo Saud

"Além de selecionar e divulgar, o festival premiará as melhores canções originais e inéditas, de quaisquer gêneros e estilos musicais, compostas por amadores", explica o diretor de Marketing da Uniube, Ricardo Saud.

As inscrições gratuitas permanecem abertas até o dia 15 de agosto.

Mais informações estão disponíveis no link http://www.uniube.br/eventos/uniubefest/index.php e ainda podem ser solicitadas através do e-mail uniubefest@uniubefest.br. Após a seleção, que seguirá o regulamento disponível no hotsite, as músicas poderão ser votadas pelo público.

Festival premiará canções originais

Motivada pela valorização da cultura, da expressão artística e apoiando a diversidade, o I Uniube Fest resgata o espírito dos antigos festivais de música, para prestigiar e divulgar o talento dos seus alunos e dos artistas ainda não presentes na grande mídia.

A avaliação é da professora universitária Fabiana Oliva, que integra a organização do Uniube Fest, que premiará os autores de canções inéditas, em sua grande final, a ser realizada no dia 26 de novembro deste ano. Ela observa que todo o processo de inscrição e votação está ancorado na internet justamente para aproximar, ainda mais, a Uniube deste universo jovem. No hotsite do evento, ressalta, os alunos da Uniube e do PIAS podem se inscrever. Caso não possuam uma banda, não toquem, cantem ou componham, podem inscrever aquela banda dos amigos, ou aquele artista de quem sejam fãs.

A música como linguagem universal, segundo Fabiana, permite canalizar toda multiplicidade de conhecimentos, seja para compor, tocar ou interpretar. Ela vê o Uniube Fest como uma iniciativa fantástica no seu propósito de mostrar que educação e cultura são um só caminho. "Lembrando que os mais de R$ 13 mil em prêmios vão valorizar o talento!", finaliza.

Foto: Neuza das Graças

Fabiana Oliva integra a organização do evento

issuu-downloader.com

Talento é a exigência da organização

O Uniube Fest foi organizado na perspectiva de estreitar relações com os atuais e futuros alunos da Universidade de Uberaba. A afirmação é do professor Alaor Carlos de Oliveira, que integra a organização do evento.

Ele enfatiza que a academia é voltada para a ciência, bem como à cultura, já que a comunicação é a raiz da transferência do conhecimento. Observou que o festival com identificação de linguagem da juventude é uma forma de a universidade interagir com a comunidade. "Se o jovem não se sentir bem na universidade, o país não tem futuro", ressaltou.

Alaor destaca que há muita gente de talento na Uniube e o festival permitirá que eles sejam revelados ou reafirmados dentro e fora da universidade e ainda entregar prêmios em dinheiro aos primeiros colocados. Lembrou que esta é a primeira edição do festival com a expectativa de que seja uma série com a tradição de ser o maior festival do Triângulo Mineiro. Destacou que a universidade prima por prestigiar o próprio aluno e futuros alunos inscritos no PIAS. Já os ex-alunos também podem participar, desde que sejam apresentados pelos atuais. "Para fazer a inscrição como candidato ou padrinho é, preciso ser aluno matriculado na Uniube ou aluno cadastrado no Pias", enfatiza.

> "A comissão fará uma seleção entre as letras inscritas para permanecerem apenas aquelas consideradas adequadas.

Ele reitera que se o aluno não tiver uma música, mas conhecer uma banda, um compositor, um intérprete, pode apadrinhar o inscrito. Podem se inscrever cantores e bandas famosas, desde que a canção seja inédita e que sejam apresentados pelo aluno da Uniube ou do PIAS. "A exigência é o talento", disse, acrescentando que serão aceitas inscrições de músicas de quaisquer estilos, uma vez que, para a Uniube, toda manifestação cultural é bem-vinda e serão admitidas também letras em outros idiomas. "Não há nenhuma forma de discriminação", citou.

Alaor esclareceu que na Diretoria de Comunicação e Marketing, no bloco K, há uma equipe de suporte para dirimir dúvidas dos candidatos para se inscrever e fazer o upload da canção (letra e música).

Foto: Neuza das Graças

Alaor Carlos, da organização do evento, reforça que a instituição prestigiará também os futuros alunos

A comissão fará uma seleção entre as letras inscritas, para permanecerem apenas aquelas consideradas adequadas. As 48 melhores canções entre todas as inscritas das categorias universitário e PIAS irão à votação na internet de 10 de setembro a 31 de outubro.

As 16 mais votadas vão à final, no dia 26 de novembro, quando o Júri especializado escolherá as três melhores de cada categoria, além de eleger o Melhor Arranjo, Melhor Letra e Melhor Intérprete. A música tem de ser inédita e para garantir esse ineditismo ela não pode ter registro no Ecad. Aqueles artistas que vendem nos bares da cidade CDs com suas canções gravadas no chamado "fundo de quintal", também podem participar.

Fique por dentro

Inscrições: até 15 de agosto
Seleção: de 16 de agosto a 9 de setembro
Votação pela internet: de 10 de setembro a 31 de outubro
Apuração das 16 mais votadas: de 1º a 25 de novembro
Final: 26 de novembro

Equipe do Uniube Fest

Cidades de inscritos até o dia 26 de julho

- Araguari
- Araxá
- Baixo Guandu
- Belo Horizonte
- Bom Jesus do Galho
- Catalão
- Caratinga
- Caldas Novas
- Conceição das Alagoas
- Goiânia
- Igarapava
- Matutina
- Nova Ponte
- Orlândia
- Sacramento
- Teófilo Otoni
- Tupaciguara
- Uberaba
- Uberlândia

Estilos

- Hard Core
- Indie/Rock
- Pop Rock
- Reggae
- Rhythm and Blues
- Rock
- Sertanejo
- Sertanejo Universitário

issuu-downloader.com

Sejam Bem-Vindos

Calourada 2011

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

AULA INAUGURAL

Multiperiódico - 7h30

CURSOS	LOCAL
DIREITO	P103
ENFERMAGEM	Anfiteatro D 56
ENGENHARIA AMBIENTAL	Z106
ENGENHARIA CIVIL	Z106
ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO	Z106
ENGENHARIA ELÉTRICA	Z106
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	Z106
ENGENHARIA QUÍMICA	Z106
MEDICINA	S315
MEDICINA VETERINÁRIA	Q01
ODONTOLOGIA	Z107

Noturno – 18h30

CURSOS	LOCAL
ADMINISTRAÇÃO	ANFITEATRO BIBLIOTECA
DIREITO	ANFITEATRO D02
FARMÁCIA	LABORATÓRIO D14
FISIOTERAPIA	A24
ENGENHARIA AMBIENTAL	Z208
ENGENHARIA ELÉTRICA	ZT31
ENGENHARIA CIVIL	Z108
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	Z210
ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO	Y22B
ENGENHARIA QUÍMICA	H221
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO	Z315
GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS	N07
PROCESSOS GERENCIAIS-ÊNFASE EM AGRONEGÓCIOS	G04
ODONTOLOGIA	A17
PSICOLOGIA	A21
PUBLICIDADE E PROPAGANDA	J06

issuu-downloader.com